

Um “golpe de asa”

DILMA CASTELO BRANCO DINIZ

Em sua poesia, Mário de Sá-Carneiro tem um tema fundamental: sua própria pessoa.

Seu poema «Quase» é um canto profundo, um grito lancinante e doloroso, uma confissão pessoal de seu drama existencial. Ele, que sente em si mesmo o sentimento de estranheza do mundo que o torna um inadaptado entre os homens, sonha com o «além», o «amor», o «trunfo e a chama»:

«Um pouco mais de sol — eu era brasa.
Um pouco mais de azul — eu era além».

O sol, astro fulgurante de luz, princípio de vida e calor, poderia transformá-lo numa brasa, carvão incandescente, ele próprio fonte de energia e calor. As sensações visuais e térmicas nos sugerem brilho, fulgor, sucesso, conforto, satisfação.

O azul, palavra tão querida dos simbolistas, representa o infinito, o desligamento da terra, o ideal que seria encontrado no além. Lembra-nos Baudelaire:

«Par delà le soleil, par delà les éthers,
Par delà les confins des sphères étoilées,
Mon esprit, tu te meus avec agilité» (Elévation)

Mas «para atingir, faltou-me um golpe de asa...» E o poeta completa: «Se ao menos eu permanecesse aquém...».

Por muito pouco, um simples «golpe de asa», seu ideal não se concretiza e uma tristeza maior ainda vem juntar-se a essa: é que o poeta não se sente uma entidade concreta, o mundo não se apercebe dele, nem ele detém a sensação do mundo.

«Assombro ou paz?» Espanto, maravilha, admiração estranha ou descanso, tranqüilidade, sossego? Entretanto tudo foi em vão... tudo se esvaiu «num baixo mar enganador de espuma». A conotação negativa transparece em todas estas palavras (baixo, enganador, espuma). E o poeta torna a expressar a dor de ter perdido o «grande sonho» — «quase vivido...»

Por pouco ele teria tudo: «o amor», o «triumfo» e a «chama», «o princípio e o fim», a «expansão...». Há aqui um gradação começando pelo amor e chegando ao princípio e o fim — o alfa e o ômega — Deus na palavra bíblica. Deus se completa com a criação do mundo — sua expansão. A expansão do artista torna-o semelhante a Deus — um criador.

Mas, infelizmente, para ele tudo é excesso e se derrama. Houve sempre «um começo», mas «tudo errou...» Sentimos então um grito lancinante:

«— Ai a dor de ser-quase, dor sem fim... —
Eu falhei-me entre os mais, falhei em mim,
Asa que se elançou mas não voou...»

Essa asa simbólica já estava presente no poema «Partida»; o que devemos é ser «asa longíngua e sacudir loucura».

Um sentimento de falha, de enorme frustração se apodera de sua alma e a quadra seguinte reflete, em detalhes e em imagens muito sugestivas, sua impossibilidade de ser perfeito:

«Momentos de alma que desbaratei...
Templos aonde nunca pus um altar...
Rios que perdi sem os levar ao mar...
Ânsias que foram mas que não fixei...»

A princípio, podemos estranhar o emprego do relativo «aonde», mas, analisando mais de perto, constatamos que houve aí uma elisão do verbo: «Templos aonde» fui (aos quais me dirigi) e onde «nunca

pus um altar». Da mesma maneira estranhámos o uso pronominal do verbo falhar («falhei-me») que tem visível função intensiva.

É a consciência de sua incapacidade de ser e de ter, o sentir-se criado para um destino «alto e raro» sem, entretanto, o poder atingir. Mas o seu drama não termina aí: da sua passagem por si e pela vida ficaram os rastros, as pegadas:

«Se me vagueio, encontro só indícios...»

Segue-se então uma sucessão de contrastes:

«Ogivas para o sol — vejo-as cerradas;
E mãos de herói, sem fé, acobardadas,
Puseram grades sobre os precipícios...»

O seu ser tem «ogivas para o sol» aberturas que não são frestas quaisquer, mas janelas especiais «ogivas», próprias do estilo gótico, idéia que nos leva às catedrais medievais e aos templos da quadra anterior. Mas elas estão fechadas: o sol, a vida não pode penetrar-lhe o interior. Ele tem mãos de herói, mas sem fé, acobardadas, mãos que poderiam escalar e vencer os precipícios puseram grades sobre eles. Por outro lado, essas grades o impedem de cair e ele fica no meio, no intermédio. Ele fica a meio caminho entre o que era e o que aspirava a ser; partiu sem contudo chegar a seu destino:

«Um ímpeto difuso de quebranto
Tudo encetei e nada possuí...»

A palavra ímpeto nos liga a arrebatamento, a impulso, a elançar-se que, entretanto, ligada ao adjetivo difuso e a quebranto perde toda sua força. O poeta não deu pela sua vida real, nem conseguiu dar realidade à vida ideal que sonhou. Sonhou-se grande demais, por isso sua desilusão foi também exacerbada: ficou-lhe o amargor do insucesso:

«Hoje, de mim, só resta o desencanto
Das coisas que beijei mas não vivi...»

É interessante notar neste poema a grande quantidade de sinais gráficos: travessões e sobretudo reticências. Eles nos transmitem o estado emocional do poeta e, de certa maneira, nos fazem participantes desse drama, já que as reticências indicam que a idéia não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor. Também, no domínio do estrato óptico, temos uma grande separação entre a última quadra do poema e as demais (e entre elas pontos de suspensão). Esta separação corresponde a uma variação temporal (tempo mais psicológico que cronológico) e marca a crescente impossibilidade de «atingir». A primeira e a última estrofes são praticamente iguais com uma única diferença — o tempo do verbo ser. Na primeira, o imperfeito do indicativo é usado pelo futuro do pretérito (= teria sido), o que retira toda a possibilidade de realização do objetivo — é a desesperança final do poeta.

Quanto ao estrato fônico, notamos em todo o poema o ritmo binário que corresponde aos dois pólos: vida vivida e vida sonhada.

Este poema é datado de Paris, 13.05.1913; em Lisboa, em fevereiro do ano seguinte, ele o reescreve, porém de maneira mais concisa:

«Eu não sou eu nem sou o outro
Sou qualquer coisa de intermédio:
Pilar da ponte de tédio
Que vai de mim para o Outro».

Se ele fosse a ponte já seria «qualquer coisa de intermédio», mas chegaria ao Outro; sendo o pilar, não: há uma impossibilidade total de atingir o Outro, seu Ideal.

Esse poema nos toca profundamente, pois o drama de Sá-Carneiro é o drama existencial do ser humano: somos todos seres incompletos, mas com ânsia eterna de perfeição.

BIBLIOGRAFIA

1. SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Poesias — Obras Completas de Sá-Carneiro.** Lisboa. Edições Ática, 1973.
2. SÁ-CARNEIRO, Mário de. **Poesia.** Coleção Nossos Clássicos. Rio de Janeiro. Agir, 1974.
3. Apostilas dadas pelo professor.